



- Muito prazer seu Manoel – cumprimentou-o Antonio, convidando-o a sentar num dos bancos sob a árvore frondosa. – Seja bem vindo à nossa morada.
- Trouxe seu Manoel para nos brindar com sua conversa franca e sábia – continuou seu Artêmio sentando-se num dos bancos, enquanto oferecia lugar ao seu lado para a esposa. – Conversar com seu Manoel é muito proveitoso.
- É bondade sua seu Artêmio – comentou seu Manoel enquanto se acomodava no banco de imbuia, especialmente preparado para ficar no tempo, aguentando as intempéries. – Sou apenas uma pessoa que procura estudar os problemas sob diferentes ângulos para compreender o que cada um sente sob o seu ponto de vista.
- Discordando de seu ponto de vista, posso afirmar que o senhor é um verdadeiro conhecedor dos mais diferentes assuntos – Artêmio dizia isso com conhecimento de causa, pois sabia o quanto seu Manoel era requisitado para opinar sobre muita coisa que era discutida. – Digamos que o senhor é apenas um homem com bom nível de conhecimentos.
- Gostaria que o senhor nos falasse sobre as confusões que estão acontecendo na região quanto à posse de terras. – a proposta de dona Anastácia dava rumo à conversa entre os amigos.
- Os senhores sabem que parte de nossa região estava incluída na disputa de terras entre o Paraná e Santa Catarina, no início do século, no chamado Contestado. Em Pato Branco e Clevelândia haviam os pinheirais e depois, para os lados de Palmas, os campos onde passavam tropas para Sorocaba. Os estados reivindicavam a posse das terras que abrangiam o território imenso desde Barracão, na divisa com a Argentina, passando por Palmas, Porto União, Caçador, Irani, Campos Novos, Curitiba. Nossa região ainda era inexplorada, com pouquíssimos moradores, e, somente depois da

Guerra do Contestado, é que começaram a abrir picadas maiores para o desbravamento.

□ Nessa região, onde é que começaram as colonizações? – a pergunta de seu Artêmio procurava desvendar o imbróglio da colonização da região.

□ Seu Artêmio, os tropeiros utilizavam os caminhos de Curitiba, Lapa, para chegar a São Paulo, e também havia caminho pela região de Palmas. Os primeiros colonizadores procuravam os campos gerais para criação extensiva de gado e para dar apoio às caravanas que levavam muares para Sorocaba. Essas “Entradas e Bandeiras”, na região que depois entrou em litígio sobre a divisão entre o Paraná e Santa Catarina, procuravam espalhar o desenvolvimento para a região oeste. Depois dos campos de Palmas e Clevelândia, os imigrantes procuraram a região onde o pinheiro era abundante, mas nada tinha de valor. Depois da Guerra do Contestado muita gente fugiu para as novas terras, que, com a divisão do território entre os estados, ficou conhecida como sudoeste do Paraná.

□ O que o governo federal fez para desenvolver essa região? – a pergunta vinha novamente de seu Artêmio, que ouvia as respostas de seu interlocutor com muito interesse.

□ Em 1938, Getúlio Vargas, incentivou a colonização do oeste para abrir novas frentes para produção de alimentos e também para povoar o Brasil nas regiões despovoadas. Em 1943, um decreto federal criou a Colônia Agrícola Nacional General Osório que passou a ser chamada de “Cango” para ocupar uma faixa de fronteira de sessenta quilômetros desde Barracão e Santo Antônio. Era preciso ocupar a área de fronteira para garantir a soberania nacional e, ao mesmo tempo, assentar colonos que desejavam novas terras para plantar. Os agricultores recebiam de dez a vinte alqueires de terra, casa, ferramentas, sementes e assistência médica. Isso fez com que a colonização ocorresse rapidamente, mas também fez com que os grandes proprietários se mexessem, para tomar as terras dos pequenos agricultores e, assim, aumentar suas propriedades.

□ Sabemos que as broncas aumentaram entre as Companhias que comercializavam terras. O governo federal estava de um lado e o estadual de outro? – perguntou Antonio para compreender o que estava acontecendo na região.

□ Com o governador Lupion a Citla fazia o que bem entendia. Quando o governador Bento Munhoz da Rocha assumiu o cargo, em 1952, proibiu o recolhimento de impostos de compra e venda de terras nesta região. Em 1953 proibiram que novos colonos chegassem à região. Depois, em 1955, Lupion volta ao governo e revoga a proibição do recolhimento de impostos sobre a comercialização das terras.

□ Quando entraram as duas novas colonizadoras na região? – perguntou Anastácia que sabia da existência dessas colonizadoras.

□ Foi em 1955 que chegaram duas imobiliárias: a Companhia Comercial e Agrícola Paraná, e a Companhia Colonizadora Apucarana. A partir daí começou o terror contra os colonos que eram convidados a comparecer nas Companhias para assinar documentos da terra em que viviam. Assinavam contratos de compra das terras, mas saíam dos escritórios sem saber se as terras eram realmente suas.

□ Qual o papel que os jagunços desempenharam nessa encrenca toda? – perguntou seu Artêmio.

□ Os jagunços chegavam armados nas propriedades e espancavam, estupravam, incendiavam os ranchos e as plantações, aterrorizando os colonos que não podiam se defender. Os colonos eram coagidos a pagar pela propriedade ou a serem expulsos ou mortos.

□ Do jeito que as coisas estão, com os jagunços perseguindo os colonos a mando dos grandes proprietários e das Companhias logo, logo teremos

encrenca mais séria na região – seu Artêmio fez a colocação com a certeza de que os colonos não aguentariam tanta maldade e tomariam alguma atitude.

□ Estamos no início de 1957 e já é hora da justiça começar a tomar conta da situação para serenar os ânimos. Estou pressentindo que ainda vai haver encrenca das brabas por aqui.

□ Muita gente está sendo morta sem que as autoridades tomem qualquer medida para acabar com a violência – Antonio fez a observação com muita mágoa no coração. - Muita gente morre nesses confins de mundo sem que o povo e as autoridades fiquem sabendo. Tem gente enterrada por esse sertão que só Deus sabe.

□ Muitas vezes, só ficamos sabendo dos casos depois de algum tempo e quando um dos sobreviventes se encoraja em contar os crimes de que foram vítimas – Seu Manoel tinha muitos conhecidos que haviam amargado a violência dos jagunços e nada puderam fazer. – Talvez esteja na hora de se fazer justiça por aqui.

□ Será que alguns bandidos da Guerra do Contestado estão vivendo por aqui? – Antonio perguntou, pois sabia que seu Manoel era grande conhecedor da pessoa apenas em olhar o seu tipo. – Quem era jovem naquele tempo ainda está com toda a força para continuar matando.

□ Muita gente que viveu durante a Guerra do Contestado e que eram mercenários acabaram vindo para esta região para trabalhar para os poderosos, no serviço que faziam na guerra: perseguir, estuprar e matar os sertanejos. Com certeza, entre os primeiros colonizadores desta região estavam também esses jagunços mercenários. Continuaram praticando aqui as maldades que cometiam na guerra.

□

Dizem que a Guerra do Contestado foi sangrenta e nela morreram milhares de pessoas, muitas das quais nas mãos desses bandidos – o aparte de dona Anastácia foi interessante e contribuiu para que seu Manoel expusesse seu conhecimento também sobre a Guerra. – Será que teremos, aqui, um novo Contestado?

□ Realmente, dona Anastácia, a guerra foi terrível e nela morreram mais de dez mil pessoas entre combatentes e civis. Foram quatro anos de lutas sem tréguas entre os colonos que foram expulsos de suas terras e as tropas dos governos federal e estadual. Se o governo tomar partido das Companhias de terras teremos um novo Contestado por aqui.

□ Qual foi a causa principal da guerra? – a pergunta chegou de súbito vindo de Antonio.

□ O governo federal contratou uma Companhia estrangeira para construir a estrada de ferro para ligar São Paulo a Santa Maria, com ramificações para Uruguaiana e Porto Alegre. Quando o trecho da estrada que cortava o estado de Santa Catarina estava pronta, a Companhia exigiu que o governo federal lhe doasse quinze quilômetros de cada lado da ferrovia para que pudesse extrair a madeira e depois colonizasse a região, vendendo as terras.

□ Por que é que a Companhia exigiu as terras próximas à ferrovia? – a pergunta agora vinha de seu Artêmio, ávido de conhecimento acerca dos antecedentes históricos daquela região.

□ A Companhia importava os dormentes, sobre os quais eram fixados os trilhos, da Inglaterra e isso aumentava em muito os custos da construção.

Os engenheiros descobriram que a imbuia, madeira abundante na região, substituía com vantagens a importada. Outro motivo foi a existência de dez milhões de pinheiros centenários que seriam utilizados na construção de casas. Essa riqueza despertou a cobiça da companhia que exigiu a doação das terras para explorá-las livremente e depois vendê-las.

□ Mas na região já havia muitos colonos morando e o que foi feito com eles? – Dona Anastácia tinha preocupação com as pessoas que poderiam perder suas posses.

□ No momento que as terras foram doadas à Companhia, a mesma contratou trezentos vaqueanos, armou-os e mandou que expulsassem as famílias que viviam dentro dos limites dos quinze quilômetros.

□ Isso com certeza resultou em brigas – comentou seu Artêmio.

□ Foi isso o que aconteceu!... Os vaqueanos chegavam e expulsavam as famílias. Os que saíam pacificamente conservavam a vida, porém os que se opunham às ordens eram mortos a sangue frio. Usavam de extrema violência para com os sertanejos e vejo isso se repetindo em nossa região, depois de tantos anos.

□ O que fazer? – perguntou dona Anastácia para saber a opinião de um dos homens mais honestos que havia conhecido.

□ Temos que continuar trabalhando não medindo esforços para que a justiça chegue nesta terra o quanto antes. O Município já está emancipado desde 1951 e a tendência é que as Companhias que espoliam o povo e os

jagunços sejam mandados embora e nunca mais regressem. Sem esses entraves a cidade prosperará e alcançará o nível de progresso daquelas que estão na dianteira.

□ O que vamos fazer agora? – dona Anastácia perguntou e ela mesma respondeu rapidamente - Agora vamos comer um delicioso bolo de fubá com café, leite e misturas.

Todos sorriram e seguiram dona Anastácia até a cozinha de sua casa onde saborearam a merenda com muito gosto.

[Continuar...](#)